

## Quando eu vivia e morria na cidade, eu não tinha nada, nada a temer: o silêncio musical nas cidades em 2020<sup>1</sup>

Paulo Celso da Silva<sup>2</sup>  
Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP  
Míriam Cristina Carlos Silva<sup>3</sup>  
Universidade de Sorocaba, São Paulo, SP

### RESUMO

Fevereiro de 2020. As cidades européias começam a sentir os primeiros sinais da pandemia. O que parecia ser restrito às cidades asiáticas, rapidamente espalha-se e em poucas semanas pelo mundo. Cidadãos e cidades despreparados, refugiam-se em suas casas, então única maneira de conter a propagação, ainda maior, do vírus Covid19. O silêncio toma conta das ruas, praças, avenidas que, solitárias, algumas são tomadas por animais. Este trabalho, misto de experiência pessoal, contribuição de músicos com seus depoimentos, teorias, ensaia uma reflexão do cotidiano urbano e sua sonoridade. Apropria-se da canção de Albert Plà, “Os acordais?” para uma reflexão poética do momento vivido e uma releitura gráfica da canção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade; Pandemia; Silêncios; Cotidiano; Albert Plà.

### O cotidiano<sup>4</sup>

O ano de 2020 nos traz lembranças de cifras de contágio, estatísticas diárias de mortes por lugares, países e a soma global. não importa a escala, há números para acrescentar. Um ano a nos ensinar que a vida é finita para todas as espécies vivas, mesmo que a espécie que se autointitula racional, queira acreditar na sua imortalidade ou na não factibilidade desse acontecer natural.

Um ano para retornar coisas que ficaram distantes em nosso cotidiano. Como o caos original, o qual nos conta Hesíodo em sua Teogonia, afirmando que foi o primeiro a nascer, “é uma figura totalmente delineada, pouco personificada (já que pelo menos tem descendência), e que não consiste naquele turbilhão de matéria informativa que costumamos imaginar” (CAOS). Ou seja, originariamente não havia caos no Caos, mas o vazio. Assim, o Caos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor no PPG Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. [paulo.silva@prof.uniso.br](mailto:paulo.silva@prof.uniso.br)

<sup>3</sup> Professora no PPG Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. [miriam.silva@prof.uniso.br](mailto:miriam.silva@prof.uniso.br)

<sup>4</sup> Neste ensaio, tomamos a liberdade de utilizar cores diferentes para as diversas vozes que nele se apresentam. Assim, em marrom serão citações literárias; em roxo as musicais; em azul as fílmicas.

---

É um termo educado, mas inteligente, que povoou densamente nossa literatura e linguagem desde Dante: a impressão do caos como desordem universal, suas origens nobres como só uma ancestralidade grega pode ser, junto com seu nome quase pessoal, paradoxalmente conseguem dar-lhe uma ordem, uma identidade. É aí que reside o seu poder: é uma palavra que consegue (ou talvez pretenda alcançar) sustentar o que é totalmente sem padrões, imprevisível, impenetrável e de vitalidade original - muito acima da desordem burocrática, a mera confusão (CAOS).

Vivemos dias de introspecção física e, em muitos caso, mental. Reclusos em casa e mergulhados nesse Caos, no vazio a ferir nossa racionalidade, sedenta de ter domínio e explicar tudo e não conseguir. Ao mesmo tempo, colocou-nos diante de nossos entes em tempo integral que, até então, eram momentos reservados e específicos dos dias de rotina que, talvez erroneamente, víamos como nosso normal e passamos a querer um “novo normal”. Outra vez na ânsia e desespero de racionalizar e retornar o controle, o qual acreditamos ter.

O cotidiano, pela sua repetição, sua rotina, nos consola no presente e, nos remete à metafísica de Schopenhauer em que “toda a nossa existência é fundamentada tão-somente no presente – no fugaz presente. Deste modo, tem de tomar a forma de um constante movimento, sem que jamais haja qualquer possibilidade de se encontrar o descanso pelo qual estamos sempre lutando” (SCHOPENHAUER). O autor prossegue refletindo seu momento do século XIX e, diante dos acontecimentos, identificamo-nos com suas palavras, na sensação de que nos foram ditas propositadamente. As palavras já não nos consolam mais e ferem a mente: “Nossa existência é marcada pelo desassossego. Num mundo como este, onde nada é estável e nada perdura, mas é arremessado em um incansável turbilhão de mudanças, onde tudo se apressa, voa, e mantém-se em equilíbrio avançando e movendo-se continuamente, como um acrobata em uma corda – em tal mundo, a felicidade é inconcebível” (SCHOPENHAUER).

Mas, não queremos acreditar que “Nenhum homem jamais se sentiu perfeitamente feliz no presente; se acontecesse, isso o envenenaria” (SCHOPENHAUER).

Conforme os dias transcorrem, o silêncio toma conta dos lugares. Então, sinônimo de identidade das pessoas com seus espaços. No Caos -Vazio, reflete-se a possibilidade de que o silêncio das cidades seja o silêncio das identidades. Telejornais informam, assustados, de animais silvestres a passear pelas cidades de nosso orgulho globalizado: macacos pelas ruas de LopBuri (Tailândia); um puma em Santiago (Chile); Javalis em Barcelona (Catalunha, Espanha); búfalos e pavões em Nova Deli e 150 mil flamingos

em Mumbai (Índia); ovelhas em Sansum (Turquia); cabras em Llandudno (país de Gales); um urso pardo em Oruense (Galícia, Espanha); água-viva nas límpidas águas dos canais de Veneza (Itália). E Arnaldo Antunes (1996) cantava ao longe:

...antes de existir a voz existia o silêncio  
o silêncio  
foi a primeira coisa que existiu  
um silêncio que ninguém ouviu...

Nós contemporâneos, crentes na dualidade barulho – silêncio. E o silêncio soava negativo e para ser negado. Para ser considerado, como sugere Orlandi, o espaço entre falas, aquele em que ”o silêncio escorre por entre as tramas da fala” (ORLANDI, 2002, p.34). Pois essa autora quer que a fala organize o silêncio, já que ele é disperso. Ou seja, não sabemos, ou não queremos usar o silêncio para além do mero ato de falar. Seja esse falar em artigos, facebook, whatsapp, Twitters. E no auge da pandemia que nos assola, ainda era necessário organizar o silêncio? Organizar animais que passeavam pelas ruas despreocupados com a busca, com a voz, com os sons dos maquinários humanos ? O canto e a guitarra flamenca de Vicente Amigo (2000) cortam o ar, povoado de sons de ambulâncias e bombeiros:

ciudad de las ideas  
donde paso algunas noches  
encerrado en el silencio de los monjes.  
ciudad de las ideas  
yo me baño por la tarde  
y me empapo de la sal de tus detalles.  
si es que las palabras se las lleva el aire  
que las mias se la lleve hasta tu calle.

Os monges remetem ao filme de Philip Gröning, El gran Silencio, no qual repetição, ritmo e silêncio agridem o espectador pela sutil leveza do cotidiano dos Monges no Couvent de Grande Chartreuse (França). “Em 1984 o diretor Philip Gröning pediu autorização da Ordem dos Cartuxos para rodar. Dezesesseis anos depois recebeu um telefonema. Havia chegado a hora” (GRÖNING, 2005).

Aqueles que vivem perto do mar, ouviram o mar, a voz do planeta Terra com o Cosmo. Lembrando que “ao rugido do abismo, nada é comparável. É a imensa voz **bestial do mundo**” (HUGO, 2019, pág. 109).

Dessas referências do cotidiano, músicos perguntados e perturbados, pelo silêncio das cidades, nos oferecem uma amostra do seu [sobre]viver a ele. Por meio digital nos contaram:

---

## Falas do silêncio – PSIA<sup>5</sup> – PSIU !

Thírfani Postali - Guitarrista e Professora em Sorocaba/ SP

De repente tudo parou e o silêncio da cidade apareceu. Pela manhã os pássaros parecem cantar com mais força, mas a verdade é que seus sons deixaram de ser ofuscados pelos barulhos dos carros, das obras e do vai e vem de pessoas apressadas. A noite, outros sons surgiram, esses nunca percebidos e ainda não identificados...

É possível ouvir o barulho das folhas das poucas árvores que resistem a paisagem de concreto, que balançam alegremente com o vento, e até mesmo do vento que sopra a sujeira da cidade vazia.

A vida humana está em alguns locais específicos da cidade, entendidos como essenciais. Nos hospitais e nos supermercados, a vida parece ter acelerado ainda mais; nas casas, dependendo da rotina, é possível ouvir os sons dos relógios, dos eletrodomésticos e dos computadores que se tornaram essenciais para o trabalho de muitos e as janelas para a vida lá fora. Os sons das teclas, por vezes, substituem os sons das vozes. Na cidade, o silêncio que prevalece é o provocado pela cultura humana, do resto, os sons da natureza parecem ganhar mais vida.

Ao contrário do que se imagina, o silêncio da urbe provoca mais tensão a quem sempre foi acostumado com o barulho frenético da cidade. Carros e motos em alta velocidade, buzinas e, especialmente, sons de ambulância fazem o coração acelerar, sendo possível ouvi-lo. O movimento de pessoas, tensas, nas ruas, também faz os batimentos acelerarem. Sinto falta das reuniões de pessoas sorrindo, ao final do dia, nas ruas badaladas ou parques.

Os significados dos sons da cidade mudaram, pelo menos em tempo de pandemia.

---

Henrique Autran Dourado - Regente e Professor em São Paulo

O som é prata, o silêncio é ouro", disse Beethoven, repetindo um dito popular alemão. Não tenho problema com o silêncio, admiro-o como à natureza. Mesmo porque não há um silêncio absoluto, se nos isolarmos em uma câmara à prova de som, ouviremos um grave, nosso sistema circulatório e batimentos cardíacos, e um agudíssimo, do sistema nervoso. Como tenho uma moderada perda auditiva (PAIR) por causa de orquestras, levei de prêmio o tinnitus, que é um som agudíssimo que só eu ouço, e no silêncio. Temo apenas sons automotivos, das ruas, o trânsito, gente gritando nos ambientes, que causam lesões neurossensoriais.

---

Maurício de Gusmão Nogueira - Violinista e Professor em Sorocaba/ SP

Durante esse período de pandemia, que a gente presenciou o silêncio na cidade, nas ruas, em todos os lugares, me senti bastante ruidoso em meu interior pelos muitos questionamentos que surgiram, porque eu via que o silêncio que se formava na matéria, nos espaços físicos era apenas o reflexo do silêncio existencial interno de cada ser, da aceitação passiva sobre nossa função social que de repente ficou anulada. Realmente temi meu silêncio, algo que de início senti, mas acho que inconformados que somos logo essa revolução sonora, de todos os lados começou a brotar dentro não só de mim mas de muitos que estavam em minha volta e acabou se refletindo em nossos meios comunicantes. Acredito que a resposta de todos foi muito imediata e está sendo muita positiva. A poesia, o lirismo, a técnica para a expressão de do sentimento sobre essa realidade que estamos

---

<sup>5</sup> PSIA é o nome de um livro de Arnaldo Antunes.

---

vivendo tem sido ferramentas muito importantes para mim, até para conseguir viver em harmonia diante de tanta contrariedade.

---

Voilà Marques – contrabaixista Sinfônica no Rio de Janeiro

Parabéns pela ideia do texto, Paulo Celso! Infelizmente, não estou podendo assumir um compromisso de escrever ou de qq coisa, pq tenho andado muuuito enrolada... Na realidade, estou trabalhando mais e recebendo menos, agora na pandemia. Essa semana, por exemplo, tenho que gravar e entregar 11 vídeos, e ainda revisar 3 textos que escrevi, fora burocracias que precisam ser resolvidas essa semana de as jeito, e mais os afazeres da minha casa e da dos meus pais... Pra piorar, tive uma subida linda de pressão essa semana. Olha, pra muitos músicos, essa pandemia está sendo um momento de experiências novas com os programas de edição e, às vezes, uma movimentação ansiosa de não deixar a Música ser esquecida ou ser tragada e deixada de lado, com tantas preocupações. Por outro lado, quem já lidava de alguma forma com recursos da Internet, talvez estejam preferindo ficar mais em off, ou usar o tempo também fazendo outras experiências ou desenvolvendo outros projetos. Mas nunca se ouviu tanto contrabaixo pela Internet, como nessa pandemia, e isso é ótimo, pq relaxa pra quem precisa relaxar, acrescenta experiências novas pra quem procura por elas, e faz refletir sobre a vida, sobre a Música ou sobre o contrabaixo, pra quem se pega pensando num sentido pra vida nesse momento. Boa sorte, sucesso e abraços contrabaixísticos pra você!!!

---

André Caraméz Guitarrista em Sorocaba/ SP

Não sou bom nisso , mas sei que tenho saudade do silêncio de antes , embora me faz bem essa diminuição da velocidade da vida, o coração amorna mais nosso corpo . Tenho positividade nesse novo momento, sinto que temos mais oxigênio limpo pra respirar , as vezes sinto coisas que né apertam o peito e aí não dá outra, vou buscar no som das músicas acalmar os meus sentimentos .

---

Arturo Blasco – Guitarrista e Profesor en Barcelona (Cataluya/ES)

### **Los 87 pasos en silencio**

Los 87 pasos en silencio en el terrao del edificio, dando vueltas como un preso, oyendo y hablando con los mirlos... Blackbirds... Recordando Beatles, el cuarteto de John Coltrane, silencio de rutina de submarino, solo el sonar, el metronomo que pongo de vez en cuando para acostubrarme a los tiempos muy lentos.

Meditar, leer y más silencio de paseo en el terrao... 2 largos meses... Tras tres meses paseo diario con mascarilla cada día y tocar los temas de vez en cuando, mios o de otros, para automatizar la musicalidad, tocar, jugar, oír poco y muy muy bueno... Coltrane. Ahora cuesta salir de esta rutina, pero iremos saliendo... Me alegro de que se acabe la musica de los putos balcones para amenizar y animar, la verdad yo no lo necesitaba, salgo cada dia a las 8 de la tarde a aplaudir a los sanitarios y a los 4 minutos padentro y silencio maravilloso y terrorificas noticias in *my fuckin tv set*.



Figura 1 Discografia de Arturo Blasco para a pandemia

[Sobre]viver ao silêncio da cidade, confinado em espaços, por vezes reduzidos, nos traz outras perspectivas sonoras. Quando o silêncio é proposital, como no caso de John Cage na câmara anecóica em 1952 na qual pode ouvir três sons: o agudo de seu sistema nervoso e o grave do seu sangue em circulação e o silêncio ou o “13º som”, ou ainda em 4’33”, peça na qual um pianista entra no palco, senta-se em seu piano de calda e permanece em silêncio e parado. A música é feita pela plateia que ri, tosse, boceja, bufa, enfim, expressa-se: “Nenhum som teme o silêncio que o ex-tingue e não há silêncio que não seja grávido de som” (CAGE, 1985, pág. xiv). Espantados, nos perguntamos:

---

Quantas vezes já usamos essa mesma passagem em nossas conversas, artigos e aulas?  
Silêncio múltiplo. PSIA!!

Conversando e re-lendo as notas das amigas e amigos sentimos a geograficidade em suas palavras e sensações. Ou seja, “a própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo. Enquanto base da existência, a associação entre geograficidade, lugar e paisagem” (DARDEL, pág. xii). Desde o seu confinamento no lugar, construíram uma paisagem própria, aquela à qual Lô Borges/Fernando Brant nomearam de “Paisagem na Janela” (1972) :

Da janela lateral do quarto de dormir  
Vejo uma igreja, um sinal de glória  
Vejo um muro branco e um voo pássaro  
Vejo uma grade, um velho sinal  
Mensageiro natural de coisas naturais  
Quando eu falava dessas cores mórbidas  
Quando eu falava desses homens sórdidos  
Quando eu falava desse temporal  
Você não escutou  
Você não quis acreditar

E tal paisagem é a própria totalidade que os colocou no mundo, concluiu uma existência e, dessa forma, foi o momento que os colocou como habitantes da Terra. Não era uma paisagem para se olhar mas “a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, pág. 32).

O olhar-viver confinado manifestou o Ser com e para os Outros, pudemos descobrir-nos reconhecendo as dificuldades de todos. Talvez, por isso, a insistência das mídias em reforçar o fato da união na distância.

### ¿Os acordáis?

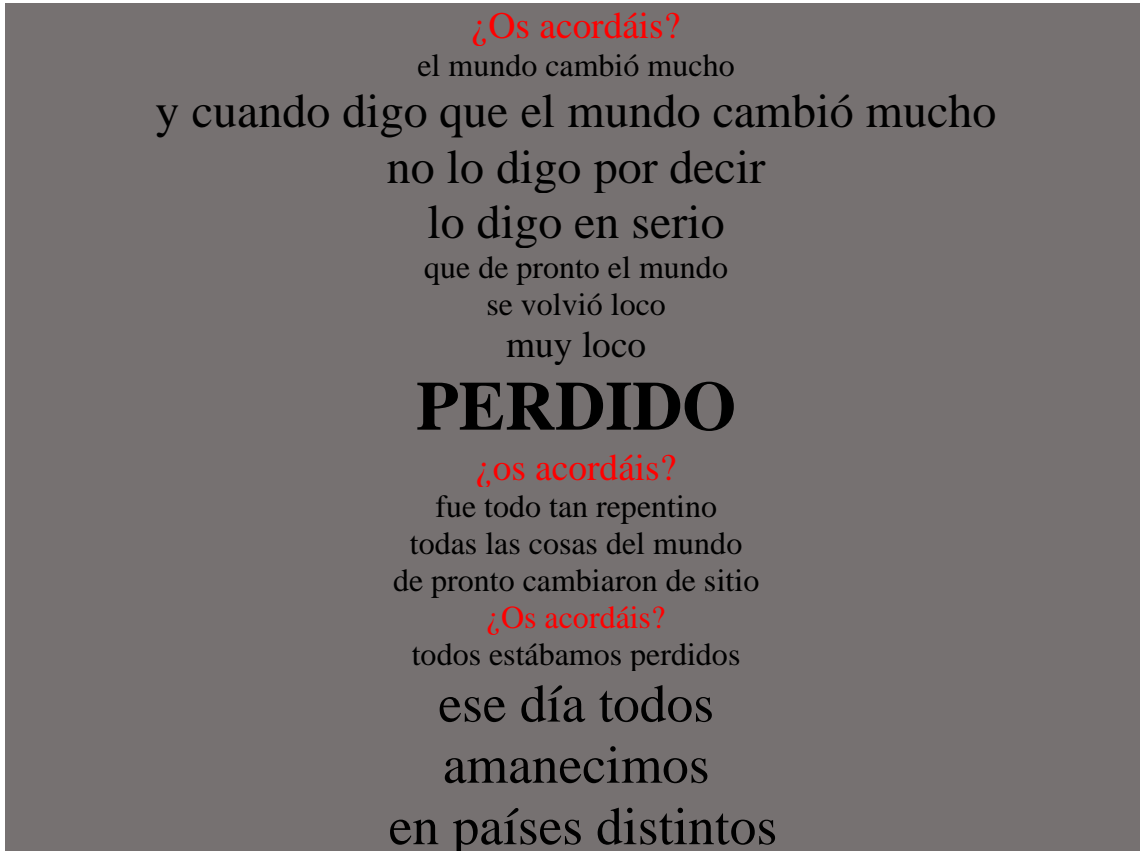
Das inúmeras canções que apareceram durante a pandemia, a do músico espanhol Albert Plà possibilitou nosso reconhecimento nas palavras, nas propostas. “Esta canção foi feita durante a pandemia do Covid19 e é tão comprida como o tempo que durou o confinamento. Albert Plà reflexiona com ironia o impacto que teve a crise do corona vírus mundialmente” (PLÀ, 2020).

No total essa canção dura 10:21 minutos e foi lançada no dia 01 de julho de 2020 pela plataforma Youtube. Desde então, estão registradas 76.562 visualizações, para 2500

‘Gostei’ e 62 “Não Gostei”; 232 comentários, sendo o primeiro imediatamente a publicação e o mais recente no dia 8 de outubro de 2020. Isso pode ter rendido, aproximadamente de US\$ 76,56 a US\$ 383, caso o músico tenha configurado a monetarização do seu canal. Entretanto, não nos parece importante esses números, uma vez que são meras curiosidades de uma obra. Uma vez que por 70 € é possível agendar pelo whatsapp um show com duas músicas, ao vivo, do cantor. A agenda de setembro 2020 esteve completa e, no dia 10 de outubro, tínhamos apenas 16 horários disponíveis. “Albert Pla da un paso más allá del streaming, un gran paso para él y ningún paso para la humanidad”, informa o site do músico.

Da canção ¿Os acordáis? fizemos uma releitura gráfica, com base na ênfase das palavras cantadas e sua distribuição no clipe oferecido pelo Youtube. Ao todo foram 14 páginas para toda a poesia. Mas aqui “escolhemos”, aleatoriamente, partes dela colocando o word em layout de impressão reduzido a 10 % para não sabermos exatamente o que estava escrito e eliminamos as 9 páginas.

A amostragem gráfica da canção ficou assim:



¿Os acordáis?  
el mundo cambió mucho  
y cuando digo que el mundo cambió mucho  
no lo digo por decir  
lo digo en serio  
que de pronto el mundo  
se volvió loco  
muy loco  
**PERDIDO**  
¿os acordáis?  
fue todo tan repentino  
todas las cosas del mundo  
de pronto cambiaron de sitio  
¿Os acordáis?  
todos estábamos perdidos  
ese día todos  
amanecimos  
en países distintos



# PAISAJES INAUDITOS

## LUGARES REMOTOS

QUÉ INSIGNIFICANTES SOMOS

NOS  
CAMBIARON  
LAS COSAS  
DE SITIO

CON NOSOTROS  
DENTRO

¿Os acordáis?

HUBO CONFUSIÓN E HISTERIA

PARECÍA MENTIRA

Nadie lo comprendía

éramos como  
hormiguitas  
cuya cabecita  
no explica  
el pie que las pisa  
somos tan

PEQUEÑITAS

ESO NO  
SE ENTENDÍA

¿Os acordáis?

BERLÍN ESTABA EN LA CHINA

LAS PERSONAS  
DE SEVILLA

AMANECIERON  
EN HUNGRÍA  
ROMA ESTABA  
EN KATMANDÚ

Y HELSINKI  
EN IGUAZÚ

Y MOSCÚ...  
ESO NO LO SABES NI TÚ...  
ESO NO LO SABES NI TÚ...  
Y MOSCÚ...  
ESO NO LO SABES NI TÚ...

¿Os acordáis?

el mundo cambió mucho  
y cuando digo que el mundo cambió mucho  
no lo digo por decir

lo digo en serio  
PORQUE DE PRONTO  
EN  
KYOTO

UN vikingo  
en Malibú

y ALBURquERquE  
EN TUCBUCTÚ

Y EL PERÚ...  
ESO NO  
LO SABES  
NI TÚ...  
Y EL PERÚ...  
ESO NO  
LO SABES  
NI TÚ...

SE PENSABAN  
LOS HUMANOS  
QUE SI SE PONÍAN  
DE ACUERDO  
SI LUCHABAN  
TODOS JUNTOS  
PODRÍAN DOMINAR  
EL MUNDO

¿Os acordáis?

Fue un completo fracaso

ese mundo

que antes era todo nuestro

ESE MUNDO

DEL QUE NOS CREÍAMOS

LOS DUEÑOS

SIMPLEMENTE

SEGUÍA GIRANDO

SIN NUESTRO PERMISO

RAZONAR ES DE TONTO

Y NOSTROS TAN LOCOS

LOS reyes

quedaron

sin

REINO

LOS SABELOTODO

HUMILLADOS

LOS CIENTÍFICOS

MAS LISTOS

PARECÍAN

TONTITOS

**NO**

NO SOMOS NADA

**NO**

NO SOMOS NADA

**NO**

NO SOMOS NADA

NO SOMOS NADA  
NO SOMOS NADA

CANTABA

UNA

CANTANTE

nacida

en Alicante

En Alicante

que la culpa era de ella

**VAYA MIERDA**

**DE PLANETA**

otros simplemente dijeron:

**LA TIERRA ESTÁ ENFERMA**

no era  
un simple planeta  
relleno de  
pedras  
y lava  
y de fuego  
y arena

### ¿Os acordáis?

El mundo cambió mucho  
Y cuando digo que el mundo cambió mucho  
No lo digo por decir, lo digo en serio  
Que de pronto el mundo se volvió loco, muy loco,  
perdido  
¿Os acordáis?  
Fue todo tan repentino  
Todas las cosas del mundo de pronto cambiaron de  
sitio  
¿Os acordáis?  
Todos estábamos perdidos  
Ese día todos amanecimos en países distintos  
Paisajes inauditos, lugares remotos  
Y qué insignificantes somos  
Nos cambiaron las cosas de sitio con nosotros dentro  
¿Os acordáis?  
Hubo confusión e histeria  
Parecía mentira, nadie lo comprendía  
Éramos como hormiguitas cuya cabecita  
No explica el pie que las pisa  
Somos tan pequeñitas  
Eso no se entendía  
¿Os acordáis?  
Berlín estaba en la China  
Las personas de Sevilla amanecieron en Hungría  
Roma estaba en Katmandú y Helsinki en Iguazú  
Y Moscú, eso no lo sabes ni tú  
Y Moscú, eso no lo sabes ni tú  
¿Os acordáis?  
El mundo cambió mucho  
Y cuando digo que el mundo cambió mucho  
No lo digo por decir, lo digo en serio  
Porque de pronto los continentes y los mares  
Los desiertos y los glaciares  
Las montañas y ríos y bosques y selvas  
Y valles, pantanos y estepas  
También se sumaron al caos  
Y eligieron cambiarse de sitio  
No hubo terremotos ni ningún cataclismo  
Fue todo suavcito, fue como un susurro suspirado al  
oído  
¿Os acordáis?  
París estaba en el Congo  
Las personas de Estocolmo amanecieron en Kyoto  
Un vikingo en Malibú y Alburquerque en Tombuctú  
Y el Perú, eso no lo sabes ni tú  
Y el Perú, eso no lo sabes ni tú  
¿Os acordáis?  
¿Recordáis el Everest?  
Que se alzaba como un dios en frente de Jerusalén  
Faltaba fe, faltaba fe para entender  
¿A dónde vamos? ¿De dónde venimos?  
De donde veníamos todos parecíamos tenerlo muy  
claro  
Pero hacia dónde vamos ya era un  
Asunto un poquitito mucho más delicado  
¿Os acordáis?  
Fue todo tan asombroso  
A algunos nos pareció realmente gracioso  
Incluso divertido, ver el mundo tan cambiado  
Y nos reímos un poco  
Pero pronto nos dejamos arrastrar por el pesimismo  
Y nos juntamos al resto de humanos  
Pa' poder resolver el maldito misterio  
¿Os acordáis?  
Éramos tan vanidosos  
Se pensaban los humanos que si se ponían de  
acuerdo  
Si luchaban todos juntos, podrían dominar el mundo  
¿Os acordáis?  
Mejor voy a repetirlo

Se pensaban los humanos que si se ponían de  
acuerdo  
Si luchaban todos juntos, podrían dominar el mundo  
¿Os acordáis?  
Fue un completo fracaso  
A ese mundo que antes era todo nuestro  
A ese mundo del que nos creíamos los dueños  
Simplemente seguía girando sin nuestro permiso  
Razonar es de tontos y nosotros tan locos  
Exprimiendo los sesos muy serios  
Tozudos y muy concienzudos  
Levantando las manos suplicándole al cielo  
Y pidiendo socorro  
¿Os acordáis?  
¿Cómo gritábamos socorro  
Como pide socorro piando un pobre pajarito  
Como pollos descabezados profundamente humillados  
Estábamos desubicados, 'tábamos desparramados  
Todos desordenados errando por el globo terráqueo  
Sin razón ni motivo, sin sentido ni rumbo  
Sin meta ni destino, ni objetivo ninguno  
Sin ton ni son, sin ton ni son  
Sin ton ni son, sin ton ni son  
¿Os acordáis?  
Washington estaba en Japón  
El Titicaca en Arabia y el Danubio en Groenlandia  
Los cosacos en Kabul y pigmeos en Cancún  
Y Estambul, eso no lo sabes ni tú  
Y Estambul, eso no lo sabes ni tú  
¿Os acordáis?  
El mundo cambió mucho  
Algunos nos adaptamos, algunos más que otros  
Unos más y otros menos, unos poco, otros mucho  
Y otros como buenamente pudieron  
Los que algún día fueron dueños de algo  
Fueron desvalijados  
Los que alguna vez se sintieron muy de algún sitio  
Lo pasaron peor que ninguno  
Los líderes del mundo perdieron el rumbo  
Los charlatanes se quedaron mudos  
Los falsos profetas fueron desenmascarados  
Se cayeron sus dioses de barro  
Los reyes quedaron sin reino  
Los sabelotodo, humillados  
Los científicos más listos parecían tontitos  
No, no somos nada  
No, no somos nada  
No, no somos nada  
No somos nada  
No somos nada, cantaba una cantante  
Nacida en Alicante  
En lo alto de los Andes  
¿Qué es una persona sin la gente que ama?  
¿Qué es el futuro si de tu pasado ya no queda nada?  
¿Qué es un político sin un guardaespaldas?  
¿Qué es un militar sin sus armas?  
¿Qué es un científico sin vacuna?  
Recitaba un poeta bajo la luz de la luna  
¿Os acordáis?  
Fue una auténtica tragedia  
Un gran drama en clave de comedia  
Una farsa donde la gente interpreta el papel  
De aquel que siempre tropieza dos veces  
Con la misma piedra  
Siempre pasa lo que no te esperas  
Nada sale como uno desea  
Nunca sabes dónde te equivocas  
Pero eso ya a nadie le importa  
Porque todo se puede volver en tu contra sin darte ni  
cuenta  
¿Os acordáis?  
Se nos cortó la mayonesa

Pues nuestra querida Tierra nos guardaba otra sorpresa  
De repente las personas éramos de otra manera  
La gente cambió de forma  
Ya no eran como eran  
¿Os acordáis?  
Niños con dos cabezas  
Otros con el pie en la oreja  
Y otro el pito entre las cejas  
Una mano en Malibú y el corazón en Tombuctú  
¿Qué harías tú? Eso no lo sabes ni tú  
¿Qué harías tú? Eso no lo sabes ni tú  
¿Os acordáis?  
Fue un gran galimatías  
A pesar de que algunos pidieron perdón a la Tierra  
Pachamama, Mama Tierra

Otros dijeron que no, que la culpa era de ella  
Vaya mierda de planeta  
Otros simplemente dijeron la Tierra está enferma  
No era un simple planeta relleno de piedras  
Y lava, y de fuego y arena  
Era un pobre ecosistema que tenía sus propios problemas  
¿Cómo estaba el planeta?  
Estaba majareta  
¿De qué sirven los medicamentos si nadie comprende el prospecto?  
Cuidado que esto se acaba (¿De qué sirve una noche de invierno?)  
Cuidado que esto se acaba, se acaba, se acaba (¿De qué sirve una noche de verano?)

### **Haverá pós pandemia, novo normal, um novo Nós?**

“Sabendo que era proibido deitar na grama, deitou e rolou. Afinal, se este é o nosso único mundo, caralho, vamos viver com alegria. Estou sentado no hospital público tentando me curar de um V.D.” (BARROSO, 2019, pág. 49).

O silêncio musical na cidade em 2020 trouxe possíveis reflexões, nem sempre levadas adiante pelo cansaço dos dias. A paisagem que nos coloca no mundo como ser-e-estar-no-mundo, também nos satura com seus detalhes, antes invisíveis. A alegria de viver proposta por Júlio Barroso remete ao viver sem querer controlar tudo, mas deixando a vida fluir e levar seu curso.

Aqui, para um final necessário, as perguntas continuam abertas e as respostas esperadas no longo dia-noite da quarentena. Quem puder... fique vivo. O novo normal, [A]normal será ser/estar. a pós pandemia, dialeticamente a nova pré-pandemia.

Que o silêncio nos ensine e não nos cale ainda mais. Milton Santos dizia que espaço virtual era só uma metáfora, “pois se é espaço, não é virtual”, mas “o uso da metáfora, da imagem, não pode ser vetado. Será bom, todavia, no mundo que é movido por tantos enganos e percepções fragmentadas, que isto seja claramente entendido”. E completa: “uma coisa é a importância dessas formas de ser da informação, tão úteis à construção cotidiana da história, cuja aceleração autoriza, como é o caso do espaço virtual. Outra coisa são suas denominações” (SANTOS, S/D).

Resta-nos viver cidades, espaços, paisagens, lugares não apenas virtuais.

## REFERÊNCIAS

- AMIGO, Vicente. Ciudad de las Ideas [CD], BMG Music Spain, 2000.
- ANTUNES, Arnaldo. O Silêncio [CD], BMG Music Brasil, 1996.
- ANTUNES, Arnaldo. Psia. São Paulo: Expressão, 1986.
- BARROSO, Júlio. A nossa onda de amor não há quem corte. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2019.
- BORGES, Lô, BRANT, Fernando. Paisagem na Janela IN Clube da Esquina [CD], EMI, 1972.
- CAGE, John. De segunda a um ano. Novas Conferências e Escritos. Trad. Rogério Duprat, São Paulo: Hucitec, 1985.
- CAOS (verbeta) . Disponível em: <https://unaparolaalgiorno.it/significato/caos?rm=> acesso em 06 out. 2020.
- DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GRÖNING, Philip. El gran Silencio (Die Große Stille) [DVD], KARMA films, 2005.
- HUGO, Victor. O Homem que ri. São Paulo: Martin Claret, 2019.
- ORLANDI, Eni P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas SP: Editora da Unicamp, 5ª edição, 2002.
- PLÀ, Albert. ¿Os Acordais? Disponível em <https://youtu.be/tpbShHWenNI> Acesso em 09 out.2020
- SANTOS, Milton. Há mesmo um espaço virtual? Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/MILTON%20SANTOS/H%C3%A1\\_mesmo\\_um\\_esp%C3%A7o\\_virtual\\_Milton\\_Santos.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/MILTON%20SANTOS/H%C3%A1_mesmo_um_esp%C3%A7o_virtual_Milton_Santos.pdf) . Acesso em 10 out. 2020.
- SCHOPENHAUER, Arthur. O Vazio da Existência. trad. Rudolf Dircks. Disponível em <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/O-Vazio-da-Exist%C3%Aancia.pdf> Acesso em 06 out. 2020.